



REVELAR GILBERTO DE ALENCAR, CRONISTA[√]

Moema Rodrigues Brandão MENDES*

RESUMO

Este artigo é uma reflexão, resultado parcial de uma pesquisa em andamento, apresentada como projeto de Estágio Pós-doutoral à Fundação Casa de Rui Barbosa, RJ (2017), na Linha de Pesquisa: Regaste. O argumento preliminar é recolher as crônicas de autoria do escritor mineiro, Gilberto de Alencar (1886-1961), publicadas na Revista **Alterosa**, periódico que circulou entre 1939 e 1964 (TAVARES, 2015). A proposta de investigação percorrerá dois caminhos: primeiro, compreender o entrelaçamento existente entre a memória resgatada e a produção das narrativas literária e não-literária, redigidas em forma de crônicas; o segundo, elaborar uma edição anotada deste lote documental. O recorte temporal será definido após a verificação da frequência de publicações do mencionado cronista neste periódico mineiro. Elaborar esta edição anotada, que registra um aspecto da produção alencariana, é um modo a revisitar suas memórias, permitindo-lhe vida e voz, na medida em as crônicas forem sendo recolhidas, organizadas e elaboradas as suas fontes. Esta ação é um ato de preservação e de divulgação da herança intelectual de Gilberto de Alencar e permite, deste modo, agregar dados significativos à fortuna crítica do escritor e à história da cultura literária mineira.

Palavras-chave: Gilberto de Alencar. Revista Alterosa. Arquivo. Resgate. Memória.

[√] Artigo recebido em 10 de abril de 2017 e aprovado em 30 de junho de 2017.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Coordenadora e Professora titular do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <moemamendes@yahoo.com.br>

1 INTRODUÇÃO

Cada detalhe recuperado significa um instante fixado ao qual damos movimento.

Zina C. Bellodi

O interesse por este material surgiu a partir da leitura de 9 cartas enviadas por Mário Gonçalves de Matos (188?-1966) a Gilberto de Alencar nas quais o remetente convida o destinatário a publicar na referida revista. Este lote missivístico, composto por 19 correspondências, é objeto de pesquisa da dissertação intitulada, **Mário Matos e Gilberto de Alencar: memórias literárias e as missivas**, de autoria de Bárbara Gonçalves Pereira Nolasco, desenvolvida sob minha orientação. Este dossiê encontra-se sob a guarda do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), em Juiz de Fora, depositado no Acervo Alencar no Fundo do titular. Segundo Marilena Leite Paes (2002) acervo é um conjunto de documentos e o fundo constitui a reunião de documentos de uma pessoa física que formam o acervo, portanto, o Acervo Alencar é composto pelos fundos dos titulares Gilberto de Alencar e Cosette de Alencar.

O MAMM situa-se no centro da cidade e seu acervo bibliográfico é composto por parte do arquivo de Murilo Mendes, o da família Alencar, os acervos Guima, do artista plástico João Guimarães Vieira; e Arcuri, do professor e arquiteto Arthur Arcuri. Completa toda esta documentação a biblioteca **Poliedro**, formada com publicações variadas que de alguma forma dialogam com a produção literária do poeta Murilo Mendes.

Encontram-se em fase de higienização e organização, as heranças literárias de Cleonice Rainho e do jornalista Dormevilly Nóbrega¹. Este museu tem como um de seus objetivos a preservação e conservação de acervos de escritores e intelectuais juizforanos, contribuindo para a preservação da memória literária mineira.

A referida dissertação, de autoria de Bárbara Nolasco, encontra-se em fase final de elaboração com defesa prevista para agosto de 2017 junto ao

¹ Dados informados por Lucilha Magalhães, funcionária do Centro de pesquisa do referido Museu em uma visita técnica ao Museu de Arte Murilo Mendes, datada de maio de 2017.

Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* – Mestrado em Letras – do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, MG.

O interesse pela produção de Gilberto de Alencar surgiu a partir da proposta de investigar as vozes literárias esquecidas de Minas Gerais. Para isso, então, foi elaborado por mim, o Projeto de Pesquisa para Doutorado e, posteriormente, apresentado à, e aprovado pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ) no ano de 2004, ao PPG - Doutorado em Letras, sob a orientação da Prof.^a Dra. Marlene Carmelinda Gomes Mendes.

A tese resultante desta investigação foi intitulada **Incursões pela gênese do romance Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho, de Gilberto de Alencar** e defendida em 10 de março de 2010. A partir de então, outro Projeto de Pesquisa foi elaborado com a intenção de intensificar os estudos sobre a produção do referido escritor: **o resgate das escrituras** - da correspondência e dos manuscritos de escritores mineiros para composição de um dossiê genético-crítico, devidamente certificado no CNPq. Este projeto gerou um GT que desenvolve pesquisas sobre as produções do escritor o que faz da recolha e elaboração desta edição anotada destas crônicas, um ato de resgate e preservação da memória social de Gilberto de Alencar em sua trajetória cultural. Este movimento contribui para o enriquecimento da fortuna crítica e divulgação dos bens culturais alencarianos.

As informações estão em fase de coleta por meio de pesquisa bibliográfica exploratória e documental em fontes primárias e secundárias, tais como, documentos pessoais depositados em arquivos públicos como o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB/FCRB) ou privados como o da escritora mineira Maria de Lourdes Abreu de Oliveira. Livros, periódicos especializados, publicações científicas e base de dados tecnológica serão consultados para balizar a qualidade da investigação.

Para que a produção alencariana seja apreendida na medida da importância que se propõe enfatizar, é relevante, registrar algumas informações acerca da vida e obra deste escritor.

2 UM DOS ALENCARES: o Gilberto

[Gilberto de Alencar] Singelo nas vestes,
monossilábico na conversação, tímido na
sociedade, doméstico como os gatos,
ressabiado e meio solitário.

Mário Matos

Gilberto Napoleão Augusto de Alencar nasceu em Minas Gerais, no arraial de João Gomes, posteriormente chamado Palmira e, atualmente, Santos Dumont, no dia 1º de dezembro de 1866 e faleceu em Juiz de Fora em 4 de fevereiro de 1961. Casado com Emília de Alencar, também mineira, teve cinco filhos: Heitor de Alencar, Emília de Alencar, Cosette de Alencar, Maria da Conceição de Alencar e Fernando de Alencar².

Após o seu falecimento em 1961, seu acervo ficou sob a guarda de sua filha, Cosette de Alencar (1918-1973), escritora e colaboradora de jornais. Com o falecimento da tia, o bem cultural da família Alencar passou à custódia de Marta de Alencar e Souza, sobrinha de Cosette e neta de Gilberto. A mesma firmou contrato de doação com o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 13 de abril de 2007³.

Gilberto de Alencar publicou várias obras entre elas romances e produziu textos jornalísticos para os quais assinou com variados pseudônimos: Zangão, G., G. de A., Germano D'Aguilar, João do Carmo e Napoleão.

3 UM DOS MATOS: o Mário

A todo momento, com um cigarro na boca,
me vejo de calças curtas a pegar
passarinho, em Dores-de-Indaiá. Tenho
soltado papagaio que é uma beleza. Por
qualquer motivo, estou correndo atrás de
foguete. Sou menino. Mas também, quando
volto a mim, que tormento.

Mário Matos

² Estas informações foram registradas em entrevista realizada com a neta do escritor Marta de Alencar e Souza em 2007 na residência da família.

³ Informação registrada no Formulário de Identificação Documental disponibilizado pelo Setor de Biblioteca e Informação do MAMM. Acesso em jun. 2009.

Segundo Constância Lima Duarte (2010) o Mário é Gonçalves de Matos e nasceu em Santana do Rio São João Acima (Itaúna) em 28 de setembro de 1891. Foi poeta, contista e crítico literário vindo a falecer em 28 de dezembro de 1996. O dia 28, coincidentemente é dia calendário de nascimento e morte. Este escritor mineiro publicou várias obras transitando por diferentes gêneros literários: teatro, ensaio, crítica literária e contos. Para algumas produções assinou com o pseudônimo de Alberto Olavo. Casou-se com Elisa de Moura Matos e, posteriormente, com Hermelinda de Almeida Matos.

4A RELAÇÃO EPISTOLAR: o convite

As cartas são uma espécie de guardiãs do ritmo e das batidas da vida presente e o amigo que as recebe é o árbitro que intercede, o mediador que interfere ou a testemunha que o observa e atesta a veracidade das coisas contadas.
Matildes Demétrio dos Santos

Elaborar uma edição de fontes e registrar um aspecto da produção alencariana publicado na Revista **Alterosa**, é uma forma de revisitar suas memórias, permitindo-lhe vida e voz, na medida em as crônicas estiverem sendo recolhidas, organizadas e elaboradas as suas fontes.

Gilberto de Alencar recebeu a proposta para ser colaborador da Revista **Alterosa**, no ano de 1945. O periódico, nesta época (TAVARES, 2015) era dirigido por Miranda e Castro em parceria com Mário Matos, este último correspondente do escritor mineiro entre 1939 e 1957. E foi por meio desta correspondência que Gilberto recebeu o convite de Matos para ser colaborador deste periódico.

Segundo Tavares et al (2015), a Revista **Alterosa** foi uma publicação mensal⁴ editada em Belo Horizonte.

⁴É importante apontar quena contracapa da revista vem registrado o seguinte: ALTEROSA – PARA A FAMÍLIA DO BRASIL / Publicação **quinzenal** da Soc. Editora Alterosa LTDA. ALTEROSA. Disponível em: <<https://issuu.com/apcbh>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

Durante as quase três décadas em que circulou (1939-1964), a revista construiu formas de representar o universo regional (mineiro), inserindo-o em uma “nacionalidade” e em uma “internacionalidade”, ambas enredadas por um público imaginado específico, “familiar”, cujas tradições e hábitos abordados criavam e fomentavam um circuito editorial delimitado. Busca-se refletir sobre uma revista mensal ilustrada do contexto belo-horizontino, representativa no mercado jornalístico, observando-se como este produto incorpora, por meio de características materiais particulares, bem como de conteúdos pontuais, marcas de processos editoriais de grande importância para a consolidação da indústria cultural no país. Metodologicamente, a pesquisa parte da análise da coleção do Arquivo Público da Prefeitura de Belo Horizonte, disponível para consulta em formato digital. Por meio de uma classificação e categorização de 68 edições, são indicadas pontes para compreensão do perfil da publicação e como, por meio de suas seções e assuntos, pode-se problematizar acerca de tramas que compõem sua “totalidade” (TAVARES, 2015. Não paginado).

Em carta datada de 30 de janeiro de 1945, Mário Matos diz: “Tenho aqui uma carta sua sem resposta há muito tempo. Eu e o Miranda estamos tratando de apressar a publicação das novelas, e a sua será a primeira” (MATOS, [carta], 30 jan. 1945). Segundo as pesquisas desenvolvidas por Bárbara Nolasco, Matos faz referência a Miranda e Castro, como

o idealizador e construtor da “Alterosa”, para cujo êxito, já consolidado, trabalha incansavelmente, numa atividade cujo dinamismo fecundo às páginas de sua revista são o melhor atestado. Figura de “gentleman” na sociedade belorizontina, jornalista brilhante e conceituado nos meios culturais de Minas, constitui a maior garantia do êxito crescente da “Alterosa”, cujas edições revelam “uma consagração ao seu espírito de luta e inteligência criadora” (ALTEROSA, **FonFon**, 1945, p. 10).

Em carta datada 16 de abril de 1945, escrita por Mário Matos e enviada a Alencar, o remetente, ratifica a ação citada na carta anterior: a Revista terá a seção **novelas** e Mário Matos oficializa o convite para que Gilberto se torne um efetivo colaborador da mesma.

Meu caro Gilberto⁵,

Recebi a sua carta. Ora, não tinha nada que agradecer. Justiça não merece agradecimento. O governador autorizou-me a falar com o diretor da Folha de Minas para manter a sua colaboração. Instituímos aqui na Alterosa a publicação em cada número de uma novela inédita. Vários escritores de nome já foram solicitados para esta colaboração. Venho pedir a sua. Condições: 45 laudos datilografados,

⁵Documento manuscrito à tinta.

espaço 2. Pagaremos cr\$200,00 por novela. Esperamos a sua. Não falte.

Com a visita do velho am^o

Mário Matos

B.H^{te.}, 16/4/945 (MATOS, [carta], 16 abr. 1945).

A confirmação de que a primeira novela de Gilberto de Alencar fora publicada nesta revista foi registrada na seguinte carta:

Meu caro Gilberto,

Quanto a sua novela, ao contrário do que você pensa, está excelente, é considerada por nós como sendo a melhor que recebemos. Fiquei contente com isto, porque havia assegurado ao Miranda que o seu estilo se prestava de modo evidente para romance.

Quem vai ilustrar seu trabalho é o Rodolfo. Tecemos aqui o critério de destacar o desenhista de acordo com a natureza do trabalho, e o Rodolfo se nota pela finura, personalidade e maneira original na interpretação dos textos.

É minha opinião que Você deve dedicar-se à novela e ao romance por causa de seus dons inegáveis para o gênero.

Adeus. Já lhe tomei muito tempo. Continuamos a contar com a sua colaboração, que reputamos necessária a nossa revista.

Visita-o o velho am^o

Mário Matos

B.H^{te.}, 19/6/945 (MATOS, [carta], 19 abr. 1945).

A referida novela, conforme carta datada de 17 de dezembro de 1945, só foi publicada em maio de 1946.

Meu caro Gilberto,

felicidades no Natal para Você, sua esposa e seus filhos.

Eu e Miranda, há tempo, tivemos a ideia de dar em cada número da Alterosa uma novela. E escrevemos a 12 escritores que reputávamos aptos para isso. Como a turma é demorada (Você sabe), assentamos que só iniciáramos a publicação quando tivéssemos em mão pelo menos umas 8 produções, para evitar interrupção. Já temos 5 ou 6 e vamos pôr em prática a idéia.

Esperávamos também papel bom, que já veio.

Devo dizer-lhe que entre os que falharam ao pedido está este seu criado Matos. Ainda não escrevi minha novela.

Quanto a Você, foi dos primeiros que corresponderam ao nosso pedido, como sempre. No meu e no conceito de Miranda, o seu trabalho é o melhor. É tipicamente uma novela boa.

Penso até que Você deve sempre escrever contos, novelas e romances. Será um sucesso.

Pode pois explicar aos amigos que estas são as razões de o seu trabalho ainda não ter saído.

Estou agora com vastos planos de trabalho, para disfarçar o meu isolamento sentimental. É o meu refúgio à hostilidade da vida.

Adeus, Gilberto. Escreva-me sempre.

Sou, como sabe, o sempre amigo grato

Mário Matos

B.H^{te.} 17/12/945 (MATOS, [carta] 17 dez. 1945).

Alencar, portanto, tornou-se um colaborador frequente da revista **Alterosa** o que pode ser confirmado pela carta,

Meu caro Gilberto,

Aproveito o sossego do domingo para responder sua carta que recebi ontem. Também penso como Você quanto à bipartição da novela. Isto mesmo disse ao Miranda, que concordou. Mas é que desejávamos satisfazer a Você e estamos lutando com a angústia de espaço. Entretanto, um número muito grande de leitores coleciona a Alterosa e, assim, muitos terão a novela guardada. Ela está muito boa, bem encadeada, em estilo natural e atrativo. É o seu gênero.

Quando você terminar o romance poderá enviar-me cópia datilografada. Eu o lerei com prazer e, depois, darei minha opinião com toda sinceridade. Agradecido a Você pela referência à crônica. Você sabe, quem escreve precisa de estímulo, porque está sempre duvidando do que escreve.

Estou com um livro de contos pronto, mas, não sei, não acredito que sejam bons. Estou incerto quanto a sua edição.

[...]

Tem gostado da Alterosa? Estamos com uma tiragem de 12.000 exemplares, que não é aumentada por incapacidade produtiva das oficinas. Aqui na Capital, vendemos mais do que todas as revistas do Rio. Ali, nossa venda é de 5.000 exemplares. Vai de vento nas velas, a revista. Mande, quando puder, sua apreciada colaboração: - Crônica, conto, o que lhe apetecer.

Adeus, Gilberto.

Um abraço do Mário.

B.H^{te}. 12/5/946(MATOS, [carta], 12 maio 1946).

E prosseguem mais alguns comentários missivísticos, “Leio-o sempre na Alterosa, na última página que, sem favor, é a primeira da revista. Seu estilo está cada vez mais límpido e conceituoso. Creio que a velhice é benéfica aos homens de letras porque lhes dá a sabedoria nascida da experiência” (MATOS, [carta] 19 dez. 1955); “Acho suas crônicas da Alterosa admiráveis; ainda outro dia assim me pronunciei em sessão da Academia, com anuência de todos (MATOS, [carta] 12 nov. 1956).

Foi nessa quadra de preocupações que recebi sua carta. Já havia sabido, pouco antes, que Você se tinha submetido a uma operação com êxito. Não calculava, porém, que fosse coisa tão grave. Foi o José Osvaldo quem me pôs a par do que houvera. Apurei que a cabeça tinha ficado no lugar pela leitura de suas crônicas na Alterosa. Mantinham a mesma firmeza graciosa de sempre (MATOS, [carta] 22 mar. 1957).

Ressalta-se, a partir destes documentos, a importância da epistolografia na formação da literatura brasileira e sua fundamentação como instrumento auxiliar nos estudos da crítica literária e estética da recepção.

5 O CRONISTA SE REVELA

Interessa por ora, informar o leitor-pesquisador sobre a produção de Gilberto de Alencar na Revista **Alterosa**, que por amostragem, são citados quatro textos esparsos, datados do início da década de 1950.

1.

Título: A livraria que morreu

Ano e edição: Out. 1951 / 138

Endereço:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060135&PagFis=4503&Pesq=gilberto%20de%20alencar>

2.

Título: Conceito sobre novembro

Ano e edição: Nov. 1951 / 139

Endereço:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060135&PagFis=4643&Pesq=gilberto%20de%20alencar>

3.

Título: Mea Culpa

Ano e edição: Mar. 1953/ 158

Endereço

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060135&PagFis=5495&Pesq=gilberto%20de%20alencar>

4.

Título: Os sábios e os simples

Ano e edição: Jan. 1954 / 96

Endereço:<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060135&PagFis=5190&Pesq=gilberto%20de%20alencar>

Intencionando transcrever a 1ª crônica citada, **A livraria que morreu**, faz-se necessário pensar, brevemente, sobre o conceito deste gênero literário-jornalístico. Massaud Moisés (2013) considera que a palavra crônica mudou de sentido ao longo do tempo. A crônica, em sua acepção moderna, cuja abordagem interessa para esta reflexão, via de regra, é publicada em revista e concentra-se num acontecimento diário que tenha chamado a atenção do escritor. Assim Gilberto de Alencar escreveu:

A morte da livraria

Morreu no mês passado no Rio de Janeiro, na sua casa na rua de São José, a Livraria Quaresma, e tenho para mim que os jornais não lhe fizeram o necrológio merecido, pois apenas dedicaram algumas linhas escassa a este óbito considerável, pecando aqui por omissão e displicência, eles que tanto costumam pecar alhures por exagero e falta de equilíbrio. Óbito considerável disse eu, e bate-me a passarinha que não disse mal, porque a lacuna por ele aberta não será provavelmente preenchida jamais, ao contrário de certas lacunas que muita gente considera irreparáveis e entretanto com a maior facilidade dêste mundo se reparam.

A Livraria Quaresma tornou-se conhecida e prosperou graças aos “Contos da Carochinha” e aos “Contos do Arco da Velha”, que ela editava para as crianças e para os adolescentes de há cinqüenta anos passados. As crianças de hoje têm outras leituras e os adolescentes ninguém sabe ao certo se ainda lêem. Não lerão, em todo caso, livros morais, que também estes são velharia desprezível nos tempos que correm.

A lacuna, em conseqüência, e como acima ficou esclarecido, não será preenchida. A primeira e mais forte razão para que não se preencha é que é uma lacuna inexistente. Outras razões, igualmente decisivas, deixo de alinhar em seguida para não incorrer na santa ingenuidade do soldado da anedota, que foi um dia dizer ao coronel não ter sido feita, pela manhã, a salva habitual dos canhões da fortaleza por três motivos, o primeiro dos quais era a falta absoluta de pólvora. Não quero que o leitor, como o coronel, dispense a exposição das restantes razões que me seria fácil enumerar. A lacuna da Livraria Quaresma deixará de ser preenchida simplesmente porque não existe, uma vez que aos “Contos da Carochinha” preferem as crianças de nossos dias as histórias em quadrinhos, como as peripécias de Júlio Verne preferem os adolescentes atuais o futebol e o cinema licencioso, sem falar nas revistas fesceninas.

A morte do tradicional estabelecimento foi bem pouco honrada pela imprensa, a qual carpiu muito mais o desaparecimento do “Cidadão Pingô”, ocorrido na mesma semana, do que o fim melancólico da velha casa de livros populares.

Lamentará o fato lá um ou outro freqüentador da rua de São José, lá um ou outro alfarrabista, docemente maníaco, à cata de volume antigo e raro sepultado na vala comum dos **sebos**, onde o “D.Quixote” ombreia com a “Princesa Magalona” e a “Divina Comédia” com os “Doze pares de França”, fraternalmente unidos na poeira das estantes e irmãmente entregues à voracidade das mesmas traças e do mesmo cupim.

Era a Quaresma decerto a Livraria de maior importância da rua de São José e, foi ela, sem dúvida, que para ali conduziu as suas congêneres de onde se deve prever que estas não tardem muito a

desaparecer também, arrastadas pelo exemplo da pioneira, abandonando a outros destinos a conhecida via pública.

Os povos e as ruas sempre têm novos destinos, principalmente quando não fazem questão alguma de agarrar-se aos velhos, antes se empenham por deles desvencilhar-se o mais depressa que possam.

É verdade que as livrarias ao ar livre das margens do Sena têm sobrevivido a todas as guerras, revoluções e cataclismos, tudo levando a acreditar que ainda sobrevivam ao que der e vier, para regalo e por exigência dos alfarrabistas de lá, bem mais finos e requintados que os de cá. Mas nisto há que considerar os dois milênios de Paris e os quatro séculos, tão somente, do Rio de Janeiro. Entre a rua de São José e o QuaiMalaquais medeiam mil e seiscentos anos, e se a primeira pode mudar, como vai mudando, o segundo conserva-se e conservar-se-á fiel ao seu próprio destino, que é de servir ao **bouquinistes** teimosos, maníacos inofensivos só possíveis no seio das velhas civilizações, onde as livrarias deixam lacunas, se porventura desaparecerem.

Morreram na mesma semana, no Rio de Janeiro, a Livraria Quaresma e o “Cidadão Pingô”⁶. A vaga do último a estas horas já deve estar preenchida, que para tais vagas nunca faltam candidatos, nesta admirável terra de tantas candidaturas, mas a lembrança da primeira em breve se perderá, porque curta e infiel é a memória dos povos, que desamam as suas próprias tradições, mudando de usanças como quem muda de camisa. Gilberto de Alencar (ALENCAR, G. 1951, p.33, p.135).

A morte da livraria é uma crônica jornalística contaminada pela leveza literária que confere valor às coisas como a extinção da Livraria Quaresma, como a denúncia de que as crianças ficariam privadas da aquisição de boas obras e de que os adolescentes, que já não se interessam pela leitura, deixariam de vez a prática da mesma. O “Cidadão Pingô”, sobre o qual se refere Gilberto de Alencar, segundo Carlos Heitor Cony (1996), era João Batista do Espírito Santo, homem que passava os dias indo e vindo pelas ruas do Rio de Janeiro dando e recebendo informações. Enterros de pessoas importantes contavam com sua oratória emocionada torrencial e agramatical. O cronista afirma que ironicamente a vaga do Cidadão Pingô já fora preenchida, pois para tais fanfarronices não faltam candidatos.

⁶ Usava chapéu de palha, bengala, tinha sempre um cravo vermelho na lapela e fumava um charuto que nunca saía do lugar e do tamanho: estava sempre em sua boca, apagado. Publicou dois livros: um de poemas e outro de discursos, alguns pronunciados, outros não. Foi três vezes candidato à Academia. Dizem que Ataulfo de Paiva sempre votava nele. Houve época em que ele redigiu um manifesto e andou recolhendo assinaturas: era uma sugestão ao presidente Dutra para nomeá-lo prefeito do então Distrito Federal. O núcleo de seu programa administrativo me pareceu assombroso: colocar uma gigantesca lona em cima da cidade para impedir temporais, desabamentos e mortes. Ele reconhecia que o Rio ficaria parecido com um imenso circo. Não faltariam palhaços (CONY, 1996. Não paginado).

A crônica, como se constata, é um gênero literário ligado ao jornal. De aparência fácil devido aos temas e à linguagem coloquial, é difícil de definir como tantas coisas simples.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importa ressaltar a partir desta breve reflexão, o papel desempenhado pelas cartas enviadas por Mário Matos a Gilberto de Alencar associado ao interesse por revelar este escritor como cronista. Esta comunicação missivística direta entre os correspondentes citados registrou uma relação específica de colaboração literária por meio das quais simbolicamente, foram observados os motivos, o convite, a ideologia e o lugar onde tudo isso pode caber na proposta do periódico. A carta se propalou, assim, como espaço de interação intelectual.

As crônicas alencarianas recolhidas apresentaram concepções de manifestação da memória na literatura e na cultura (COSTA, 2010) compreendendo memória como registro vivido, preservado e resgatado para ser profícuo na reconstrução da experiência humana.

Por meio da leitura inicial de parte dos arquivos da Revista **Alterosa**, uma significativa observação pode ser constatada: Gilberto de Alencar, enquanto cronista, revelou-se um intelectual que promoveu intervenções no mundo contemporâneo (WALTY, CURY, 2008), criticando, denunciando, enfim se posicionando enquanto mineiro e brasileiro em uma sociedade desigual.

REVEALING GILBERTO DE ALENCAR, CRONISTA

This article is a reflection, partial result of a research in progress, presented as a postdoctoral project to the Casa de Rui Barbosa Foundation, RJ (2017), in the Research Line: Regaste. The preliminary argument is to collect the chronicles written by Gilberto de Alencar (1886-1961), published in Revista Alterosa, a periodical that circulated between 1939 and 1964 (TAVARES, 2015). The research proposal will go through two paths: first, to understand the interweaving between the rescued memory and the production of literary and non-literary narratives, written in the form of chronicles; The second, to prepare an annotated edition of this documentary batch. The research period will be defined after verifying the frequency of publications of the aforementioned chronicler in this periodical. Elaborating this annotated edition, which registers an aspect of Alencarian production, is a way to revisit his memories, allowing

him life and voice, as the chronicles are being collected, organized and elaborated its sources. This action is an act of preservation and dissemination of the intellectual heritage of Gilberto de Alencar and allows, in this way, to add significant data to the writer's critical fortune and to the history of the literary culture of Minas Gerais.

Keywords: Gilberto de Alencar. Alterosa Magazine. File. Rescue. Memory.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Cosette. O RETRATO In: ALENCAR, Gilberto. **O escriba Julião de Azambuja & Misael e Maria Rita**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1962, 257p.

ALENCAR, Gilberto. A morte da Livraria. **Revista Alterosa**. Belo Horizonte, Outubro, edição 138, 1951.

Disponível em

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060135&PagFis=4503&Pesq=gilberto%20de%20alencar>

Acesso em 17 jun. 2017.

ALTEROSA.

Disponível em: <<https://issuu.com/apcbh>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

ALTEROSA. **FonFon**, Rio de Janeiro, Ano XXXVIII, n. 33, p. 10, 18 ago. 1945.

CONY, Carlos Heitor. O Cidadão Pingô. **Folha de São Paulo**. Opinião. 22 fev. 1996. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/2/22/opinia0/6.html> Acesso em: 18 jun. 2017.

COSTA, José Carlos da et al. Representações da memória na literatura e na cultura. **Revista Investigações**. Pernambuco: UPE, v.23, n.1, jan. 2010.

DUARTE, Constância Lima (Org.). **Dicionário bibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FILHO, Aires da Mata Machado. O romancista Gilberto de Alencar. Suplemento Literário do **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 5, 29 out. 1961.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/CPDOC. **Dicionário da elite política republicana** (1889-1930), verbete: MANHA, A. Disponível em:<<https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/5>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MATOS, Mário. [carta] 30 jan. 1945, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 1f.

_____. [carta] 16 abr. 1945, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 1f.

_____. [carta] 19 jun. 1945, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 2f.

_____. [carta] 17 dez. 1945, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 2f.

_____. [carta] 12 maio 1946, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 1f.

_____. [carta] 21 mar. 1954, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 4f.

_____. [carta] 19 dez. 1955, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 1f.

_____. [carta] 12 nov. 1956, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 4f.

_____. [carta] 22 mar. 1957, Belo Horizonte [para] ALENCAR, G. Juiz de Fora. 2f.

MACIEL, Leila Rose Márie Batista da Silveira. O arquivo pessoal do escritor mineiro Gilberto de Alencar. **Verbo de Minas Letras/CES**, Juiz de Fora, v.11, n.19, jan. a jul. 2011, p.115-125.

MEMÓRIAS SEM MALÍCIA. Suplemento Literário do **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 3, 20 jan. 1957.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2013.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Arquivo Público oferece Revista Alterosa on-line** [notícia em site]. Belo Horizonte, publicado em 05.dez.2011, às 12h00. [Não paginado]. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=53136&pldPlc=&app>> Acesso em: 09.set.2016

ROMANCE DE TIRADENTES. Suplemento Literário do **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 3, 01 nov. 1959.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão et al. **Alterosa**, perfil editorial e o mercado de revistas no Brasil (1939-1964). ALCAR 2015. 10º Encontro Nacional da história da mídia. Porto Alegre: UFRS, 2015.

VIANNA, Renato. A CIDADE MORTA, A CIDADE IMMORTAL. **A Manhã**, Rio de Janeiro, n. 328, p. 6, 16 jan. 1927.

WALTY, Ivete Lara Camargos; CURY, Maria Zilda Ferreira; (Org.) **Intelectuais e vida pública**: migrações e mediações. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.
